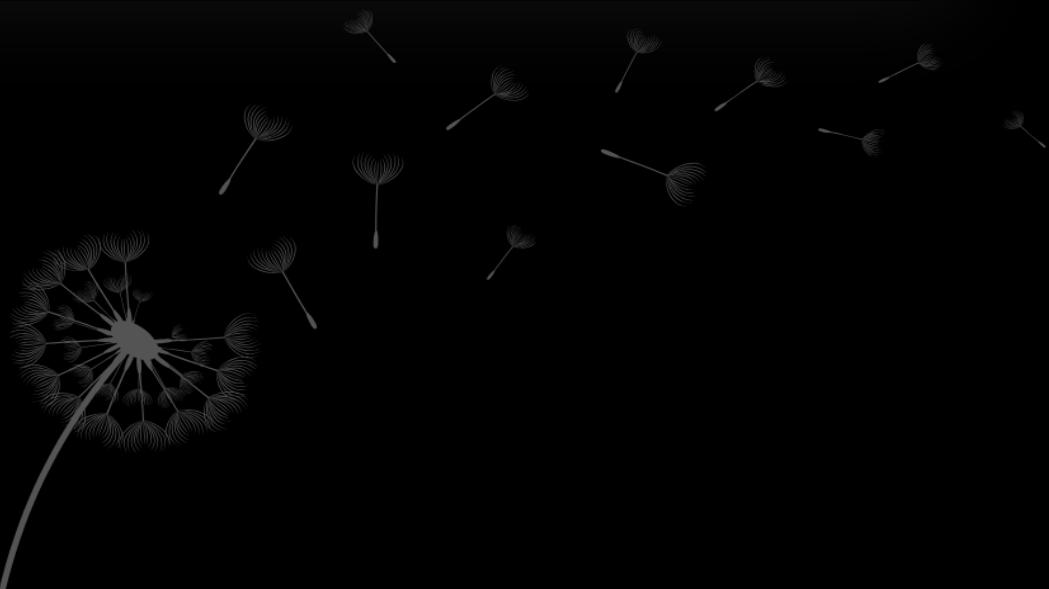


POR LEONARDO B. GOMES

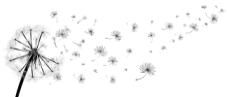
O QUE ACONTECE DEPOIS?



Copyright ©

Leonardo B. Gomes. Todos os direitos reservados.

Esta obra, intitulada “O que acontece depois? ”, foi escrita por Leonardo B. Gomes e publicada pelo site <https://pontodoconhecimento.com>, integrando oficialmente o seu catálogo editorial.



Sumário

Domingo de manhã	5
O início da tempestade	6
O Velório	8
O enterro	10
A herança	11
A depressão	13
A família	16
Quem era meu pai?	18
Os últimos dias.....	20
O que eu aprendi	22

O que acontece depois?

Uma história real



Domingo de manhã

Em um domingo como outro qualquer, acordei cedo e preparei um bom café da manhã. Depois de comer, tratei de alimentar meus cachorros. Mais tarde, acordei minha esposa para que ela também pudesse tomar seu café.

Em seguida, fiz aquilo que quase todo mineiro do interior costuma fazer: saí para a rua e fiquei jogando conversa fora com os vizinhos. Quando percebi, já era quase 11 da manhã. Minha esposa, então, foi almoçar na casa da mãe dela — um hábito que ela sempre teve — e, como de costume, minha sogra, sempre muito amável, me enviou uma bela marmita.

Até então, tudo seguia como um domingo comum, dentro da nossa rotina habitual.

O início da tempestade

Por volta das 14 horas, meu telefone tocou. Era minha prima, chorando muito, dizendo que meu pai tinha passado mal na casa de um tio e havia sido hospitalizado. No momento em que ouvi aquilo, senti que algo estava errado. Virei-me para minha esposa e disse:

— Acho que meu pai faleceu.

Ela tentou me tranquilizar, dizendo que talvez ele apenas tivesse passado mal. Fomos ao hospital, torcendo para que fosse realmente só isso.

Ao chegar, vi alguns familiares — tios, primos e meu irmão. Olhei para um dos meus tios e perguntei:

— Meu pai faleceu, né?

Ele confirmou. Naquele instante, fui direto para o carro. Alguns primos tentaram falar comigo, mas eu não quis conversar com ninguém.

É estranho como, mesmo sabendo que você nunca mais verá a pessoa, a ficha simplesmente não cai. A mente demora a entender o que está acontecendo.

Fiquei completamente desorientado. Comecei a dirigir sem rumo. Passei pela casa de alguns parentes, mas também não consegui falar com eles. Então peguei a rodovia, tentando digerir a notícia enquanto dirigia. Em certo ponto, parei o carro e liguei para um amigo que havia perdido o avô recentemente. Eu mesmo, por nunca ter perdido ninguém até então, não soube oferecer a ele o melhor apoio na época. Ainda assim, mesmo estando ocupado com a própria vida, ele me atendeu, me apoiou e disse exatamente o que eu precisava ouvir.

O Velório

A organização de um velório é sempre complicada. Como meu irmão estava em melhores condições do que eu, ele tomou a frente e resolveu tudo. Apesar de meu pai ter falecido devido a uma parada cardíaca, ainda assim foi necessário passar pelo reconhecimento do corpo e por todos os trâmites funerários.

Meu pai nunca quis dar trabalho aos filhos; por isso, pagava um plano funerário. No fim, porém, isso se mostrou uma grande perda de tempo, já que, mesmo com o plano, a funerária ainda conseguiu arrancar mais dinheiro da gente. Hoje me impressiona o quanto baixo o ser humano pode chegar — aproveitar-se do pior dia da vida de alguém para lucrar. Meu pai fez de tudo para que não tivéssemos esse tipo de preocupação, mas ele não contava com a ganância humana.

Depois de resolver tudo e de lidar com o que provavelmente foi um golpe por parte da funerária, chegou a hora mais difícil.

Meu pai era um homem muito brincalhão, cheio de amizades. Sempre foi agricultor, mas, nos últimos anos, abriu um sacolão, o que o fez ser conhecido por boa parte da cidade.

No velório, eu não consegui descer do carro. Não quis ver meu pai dentro de um caixão. Cheguei cedo, mas preferi ficar ali, quieto, tentando reunir forças. Alguns parentes passaram e disseram palavras de conforto, mas não existe palavra neste mundo que realmente console alguém nessa hora.

Meu irmão e outros familiares contaram que o velório foi muito movimentado. Muitos amigos do meu pai compareceram, choraram, contaram histórias ao lado do caixão e relembraram piadas que ele fazia. A capela onde ele foi velado ficou cheia de gente. No fim das contas, o velório aconteceu exatamente do jeito que ele gostaria: cercado de pessoas, de carinho e de lembranças boas.

O enterro

Por mais que eu quisesse ter acompanhado o sepultamento do meu pai, acabei não indo. Minha esposa me aconselhou a não ir, com medo de que eu não suportasse vê-lo sendo enterrado. No fim, acredito que ela estava certa. Meu irmão contou que a rua por onde passou o cortejo mal comportava tanta gente; o último adeus foi profundamente emocionante.

Esperei até que o corpo do meu pai fosse sepultado e que todos tivessem ido embora. Só então fui ao túmulo. Foi ali, naquele silêncio pesado, que a ficha realmente caiu: eu nunca mais o veria neste mundo. Aos poucos, fui desabando. Que sensação horrível.

Como não tenho mãe, meu pai sempre foi a figura central da minha vida. E, de repente, ele não estava mais lá. O homem que, para mim, parecia indestrutível agora estava dentro de um caixão, sob a terra. Uma cena dolorosa, difícil de aceitar.

A herança

Meu pai nunca foi um homem de muitas posses, mas, em contrapartida, tinha muitos filhos. A família que vivia com ele — a nossa — eram três filhos, contando comigo. Porém, no total, ele teve sete filhos com três mulheres diferentes. Quanto à herança, ele deixou um sacolão, 50% de uma casa e alguns outros bens menores.

Optamos por deixar tudo para um irmão mais novo, que sempre trilhou caminhos duvidosos na vida. Acreditávamos, de verdade, que assumir a responsabilidade pelo legado do nosso pai o faria mudar para melhor. Lindo engano.

Depois do sepultamento, eu o encontrei e disse a ele que, da minha parte, não queria nada. Tínhamos esperança de que ele daria continuidade ao trabalho do nosso pai. Nunca mais voltei lá, nem quis passar na rua onde ficava o comércio, mas acreditávamos que ele cuidaria bem das coisas e finalmente se endireitaria.

Com o passar dos dias, ele começou a tocar o negócio. Logo depois, passou a se envolver com pessoas erradas. E essas escolhas erradas só foram crescendo. Em pouco tempo, acabou se tornando foragido da polícia — até que, em um determinado momento, foi preso.

Enquanto isso, o sacolão ficou simplesmente aberto, abandonado. Pessoas entraram e saquearam tudo. Não sobrou absolutamente nada. Ele conseguiu o inacreditável: em três ou quatro meses, destruiu tudo o que meu pai construiu em uma vida inteira. Hoje, não sobrou sequer uma foto do meu pai — até isso desapareceu.

Neste momento, você, leitor, talvez esteja se perguntando: “Mas por que os irmãos não fizeram nada?”

É importante lembrar que estávamos de luto, morávamos do outro lado da cidade e tentávamos, cada um à sua maneira, lidar com a perda. Além disso, em certo momento precisei me mudar para outra cidade e, quando a notícia chegou até mim, tudo já havia acontecido.

A depressão

Com o sepultamento do meu pai vieram os dias ruins — dias sombrios, em que eu não tinha vontade nem de levantar da cama. Não queria falar com ninguém. Apesar de meu trabalho ser remoto, parei completamente de trabalhar; apenas existia, num estado de inércia e vazio.

Mas algo inesperado aconteceu: minha esposa havia passado em um concurso público e foi chamada para tomar posse. O problema é que a vaga não era na nossa cidade, mas em Teófilo Otoni, no interior de Minas.

Começamos a pesquisar sobre aquela cidade até então desconhecida para mim. Descobrimos que tinha mais de 100 mil habitantes e, segundo as notícias, enfrentava um nível de violência bastante alto. Ainda assim, decidimos ir.

Quando chegamos, a impressão não foi boa. A cidade era caótica, com muitos moradores de rua, uso de drogas à vista, e, para piorar, fomos morar em um apartamento — algo completamente novo para mim. No começo, tivemos sorte: não havia vizinhos no andar de cima.

Mas durou pouco. Logo mudou para lá uma família evangélica... e que vizinhos. Arrastavam móveis altas

horas da noite, deixavam o portão da garagem aberto e começaram a fazer cultos dentro do apartamento. Minha depressão se intensificou. Tentei dialogar, mas não adiantou. Chegou um momento em que precisei chamar a polícia, porque minha saúde mental estava se deteriorando. Eu dormia todas as noites com tampão de ouvido. Nem a polícia resolveu.

Continuávamos sem nos adaptar à cidade. Minha esposa, então, pediu remoção para outro município. Depois de seis meses, finalmente a vaga saiu. Mas Teófilo Otoni ainda nos reservava duas últimas lembranças antes da despedida.

Primeiro, os vizinhos deixaram o portão da garagem aberto, e algumas pessoas entraram no prédio, quebrando várias coisas enquanto tentavam roubar. Felizmente, nada aconteceu com o nosso carro. Depois, já na saída da cidade, quase livres dali, uma carreta nos jogou para fora da estrada. Por sorte — e reflexo — consegui desviar a tempo, e nada aconteceu conosco.

Quando finalmente cruzamos a saída da cidade, eu gritei:

— Eu odiei esse lugar até o último segundo!

Eu nunca tinha vivido em apartamento, e, de repente, me vi preso em um, em pleno luto, depressivo, sem chão. Foi

uma luta árdua. Hoje, às vezes me pergunto se o lugar era realmente tão ruim assim... ou se era o meu estado emocional que tornava tudo ainda pior. Mas, por via das dúvidas, não voltei para conferir.

A família

Voltando um pouco no tempo: depois do sepultamento do meu pai e de toda a tempestade emocional, eu passei dias trancado em casa, sem vontade de conversar com ninguém. Mas o silêncio acabava me levando a pensar ainda mais no que tinha acontecido — na vida, na morte, em tudo. Minha esposa, vendo meu estado, sugeriu que saíssemos um pouco, que déssemos uma volta pela cidade. Depois de muita relutância, concordei.

Pegamos o carro e saímos sem destino. No caminho, encontrei um primo que sempre precisou da nossa ajuda e que, por isso, sempre fomos muito solícitos com ele. Como era alguém que costumava estar presente na nossa rotina, achei que seria uma boa ideia parar e conversar um pouco.

Quando estacionei e o cumprimentei, a primeira coisa que ele me perguntou foi:

— Você não foi no velório do seu pai, não?

Respondi:

— Eu fui. Só não quisvê-lo no caixão. Comecei a passar mal, então minha esposa me levou embora.



Ele, então, disse:

— Uai... parece até que você não gostava do seu pai. Nem no velório você ficou.

Naquele momento, me arrependi profundamente de ter parado ali. Nem tentei responder. Apenas entrei no carro e fui embora.

Quando cheguei em casa, sentei no chão e comecei a chorar. Era como se eu não tivesse sofrido o suficiente, como se ainda houvesse lágrimas acumuladas, presas. E o pior é que aquelas palavras vieram justamente de alguém a quem sempre estendemos a mão. Foi então que aprendi uma lição dura: antes de ajudar um “fudido”, entenda por que ele está assim. Às vezes, a pessoa não merece nem o seu bom dia.

Por outro lado, tenho um tio — irmão do meu pai — e a esposa dele, que sempre me acolheram com carinho. Sempre enviaram boas palavras, sempre me receberam bem. Alguns poucos primos também são pessoas muito boas. Mas, no geral, acabei optando por me afastar da família.

Quem era meu pai?

Não é porque meu pai partiu deste mundo que ele se tornou uma pessoa perfeita. Pelo contrário: ele tinha muitas qualidades, mas também inúmeros defeitos.

O lado bom era que meu pai sempre foi um homem muito brincalhão. Fazia todo mundo rir, tirava piada de tudo e tinha um humor contagiate. Era extremamente trabalhador: acordava cedo e já se dedicava ao trabalho, sem distinção de domingos ou feriados. Sempre estava lá, se esforçando para sustentar a família.

Outro ponto positivo era o seu papel como conciliador da família. Em nossa casa, as brigas não tinham espaço; meus tios e primos nunca saíam brigados. Como bom mineiro, ele tratava todos com igualdade — do presidente ao morador de rua. Mesmo não sendo uma família de posses, sempre que havia comida na panela, quem chegasse em casa era bem servido.

Por outro lado, meu pai tinha seus defeitos. Era um homem muito mulherengo, o que fez com que seus relacionamentos terminassem mal e impactasse diretamente a vida de seus filhos: sete filhos com três mulheres diferentes. Outro hábito que sempre carregou e que causava problemas era o alcoolismo. Mesmo tentando



parar, tinha recaídas constantes. Quando bebia, se tornava muito encrenqueiro — um dos defeitos que eu mais odiava.

Além disso, ele era cabeça dura e negligente com sua própria saúde. Sofria de arritmia cardíaca, mas se recusava a tomar os remédios regularmente. Quando questionado, respondia com piadas e, muitas vezes, era tão insistente que acabávamos desistindo de insistir. Mesmo levando-o ao cardiologista, depois de uma semana ele retomava os mesmos hábitos. Era, sem dúvida, um ser humano difícil, mas ainda assim profundamente humano.

Os últimos dias

Os últimos dias do meu pai dariam um filme de Hollywood — mas não um drama ou terror, e sim aquelas comédias ao estilo de *Se Beber, Não Case*.

Nos dias que antecederam sua morte, ele soube de uma festa em uma cidade vizinha, onde já havíamos morado. Perguntou se eu iria; respondi que não, pois nunca fui muito fã de festas.

Ele, no entanto, decidiu ir. Alugou um carro, encheu de mulheres e partiu para a cidade. Bebeu e farreou a noite toda. Dizem que aproveitou muito, e, no dia seguinte, continuou a festejar.

No sábado, passou mal, mas não deixou que ninguém ligasse ou falasse para os filhos. Ainda nesse dia, disse que, no domingo, precisava ir à casa do meu tio na zona rural. E foi lá que tudo aconteceu.

Meu pai e esse tio se davam muito bem. Sempre falavam bobagem, brincavam e riam juntos. Ele foi até lá se despedir, almoçou e, depois, passou mal.



Meu tio ficou profundamente abalado com a perda. Entrou em depressão e emagreceu muito; ele foi, sem dúvida, um dos que mais sofreram com a partida do meu pai.

O que eu aprendi

Depois que você perde alguém muito importante, alguém que você amava profundamente, a vida fica estranha, mais vazia. Às vezes, você nem se sente mais tão apegado à vida. Fiquei mais de um ano sem ver nenhuma foto do meu pai; até hoje, evito olhar. Não faz sentido: um dia ele estava aqui, falando bobagem, e agora tenho que aceitar que nunca mais o verei. Não há mais nada que eu possa fazer. A alma fica com uma lacuna, um vazio que só se preenche com lágrimas.

A parte que, talvez, me dê um pouco de conforto é saber que sua partida foi rápida e sem sofrimento. E, apesar de tudo, tive pessoas boas que me apoiaram: minha esposa, amigos e alguns parentes.

Mas a dor da perda é eterna. Ela ameniza, mas não se cura. Por mais clichê que pareça, aprendi que devemos valorizar muito quem amamos: abrace, fale o que sente, se errou, peça desculpas e tente não repetir os mesmos erros. Todos temos defeitos — e isso é a vida.

Uma lição valiosa que tirei dessa experiência é: nem todo amigo é seu parente, e nem todo parente é seu amigo.

Aprendi também que cada pessoa tem sua própria vida. Não gaste tanto tempo julgando os outros — suas escolhas, religião, sexualidade, política, ou qualquer outra preferência. Um dia, tudo vai acabar, e quando esse momento chegar, você terá passado mais tempo cuidando da vida dos outros do que da sua?

Devemos ser mais tolerantes, mais calmos e viver de verdade, aproveitando cada instante com quem amamos.